



Geografia e as possibilidades de ser

Caê Garcia Carvalho¹

Como as relações entre os seres vivos e seus ambientes se efetivam? Circunscrevendo a questão mais explicitamente de um ponto de vista geográfico, quais relações imperam entre o elemento humano e o meio? Quais são as implicações dessa relação para o ser humano e o ambiente?

O objetivo deste ensaio é pensar estas problemáticas evocando o processo de vir-a-ser do homem, processo este matizado, sem outra alternativa, a partir de sua relação ontológica com a terra. O que queremos mostrar é que, precisamente, aquilo que somos resguarda uma ligação intrínseca com o nosso, digamos, ambiente. Nos propomos, assim, a pensar a relação basilar entre ser e “espaço”.

De Marx aos geógrafos humanistas, passando ainda por Heidegger, a relação que estamos interessados em investigar – seja como for que queiramos apresentar os termos: homem/natureza; organismo/ambiente; ser/mundo – já foi largamente problematizada. Marx nos mostrou como, a partir da relação do trabalho, transformamos a natureza e, neste processo, instituímos nossa humanidade; Heidegger nos apresentou a prerrogativa de que, para ser, estamos a tal ponto abertos ao mundo que o mesmo é elemento co-constitutivo de nosso ser – sua asserção é, efetivamente, esta: “o homem é à medida que *habita* [a terra]” (HEIDEGGER, 2012, p. 127).

¹ Possui doutorado pelo programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. (UFBA), sendo mestre em Geografia pela mesma instituição. É membro do grupo de pesquisa Espaço-Livre/UFBA. E-mail: cae_garcia@hotmail.com

Os geógrafos humanistas, por sua vez, já assinalaram, incorporando a perspectiva heideggeriana, como impera entre sujeito e lugar uma mútua instituição, de que o ser partilha com os lugares a sua existência (RELPH, 2014).

Nota-se, portanto, como o vir-a-ser humano está atrelado às conjunturas de um mundo particular, particularizado; ou, como coloca Sartre (2003, p. 154), o encontro com o meu ser-possível se projeta no mundo e não pode ser nada sem ele.

Num primeiro plano, a relação entre ser vivo e ambiente, pensando no processo cognitivo (em sentido bastante amplo: das capacidades motoras às intelectuais), é o contexto no qual o próprio organismo se desenvolve. Estas considerações compõe nossa primeira camada de reflexões, respondendo ao tema geral da presente edição da Revista – “ambiente e desenvolvimento”.

Veremos, porém, neste vir-a-ser, nesta construção de si face ao mundo, não apenas o desenvolvimento orgânico do ser humano, mas a fundamentação de seu ser no ventre de uma cumplicidade poética entre o sujeito e o lugar (DARDEL, 2015).

Ambiente e desenvolvimento

Pensar as relações entre ambiente e desenvolvimento é tecer um olhar sobre o ser vivo e aqui duas teorias se destacam: as biológicas neodarwinianas, postulando o desenvolvimento a partir das transformações genéticas no DNA (via seleção natural), e a cognitivo-psicológica, compreendendo o processo de maturação do indivíduo enquanto o desenvolvimento de uma estrutura inata, mental, que lhe permite, então, tal aparato cognitivo, o cumprimento de determinadas atividades (andar, raciocinar etc.).

Uma crítica comum, entretanto, atinge o cerne das duas teorias, elas mesmas extremamente próximas uma da outra (poderíamos dizer, articulando as duas concepções, que a estrutura mental inata pautada pelo cognitivismo seria um subproduto das moléculas de DNA, como postulado pela teoria neodarwiniana). O que ambas as doutrinas esquecem é que o processo formativo do organismo é fruto de um *processo* e não de um *a priori* genético e/ou cognitivo. Esse postulado reduz o ambiente a um mero balizador das condições materiais de um desenvolvimento já dado, preestabelecido.

Apoiado em Oyama, Ingold alerta que a natureza de um organismo não é exata e puramente genotípica, mas fenotípica e depende profunda e originalmente tanto do

“contexto” do desenvolvimento quanto do genoma. Por isso, prefere o autor, falar da forma orgânica, do organismo, não enquanto *expressão* de algo anterior (dos genes), mas de um processo formativo, de um vir-a-ser. Nesta perspectiva, a forma não é expressão, ela é propriamente *gerada* e tem sua razão de ser “como uma propriedade emergente do sistema total de relações criado em virtude da presença e atividade do organismo em seu ambiente” (INGOLD, 2020, p. 11).

Como pensar o desenvolvimento humano nestes termos, relacionando de maneira ontológica organismo e ambiente? A crítica se direciona à vertente cognitiva, e suas carências nos servem de suporte para respondermos a indagação levantada.

Supõe-se, no cognitivismo, um aparato inato, mental, que, se depende do ambiente para um pleno desenvolvimento, ele já está situado e programado aprioristicamente; o autor nos propõe pensarmos na linguagem, aludindo ao (pretenso) mecanismo universal do “dispositivo de aquisição de linguagem”. Aqui, em determinada etapa da infância, este mecanismo seria ativado a partir dos estímulos sonoros do ambiente, estabelecendo, na mente da criança, a gramática e o léxico da língua. Por outro lado, um bebê criado em isolamento não a aprenderia pela falta de estimulação, mas ainda possuiria tal dispositivo de aquisição plenamente constituído.

Assim, o processo de aquisição de linguagem se afigura em duas etapas: na primeira, o “dispositivo” mental é construído, enquanto na segunda se fornecem os conteúdos sintático e semântico da língua via estimulação sonora – essa separação é necessariamente lógica uma vez que se supõe que a criança não socializada apresenta formalmente o dispositivo de aquisição da linguagem, mas não a capacidade de fala por não assunção dos conteúdos à “forma mental” já consolidada e “apta de uso”.

Mas a formação de um “aparelho linguajeiro” está ontologicamente relacionada ao ambiente da criança, não se forma no vácuo – e muito menos se trata de um módulo mental à espera de conteúdo fonético, gramatical, para ser plenamente construído. Os casos de isolamento social, por exemplo, as crianças criadas por lobos, mostram a dificuldade e mesmo a impossibilidade destes indivíduos adquirirem a linguagem, e isso justamente porque esse “aparelho” não foi construído nesse nexos fundamental do desenvolvimento com o ambiente; se se tratasse de algo previamente dado, não se entenderia porque, então, agora com os estímulos sonoros da convivência humana, a linguagem encontrasse imensas dificuldades de emergência – é porque, de fato, ele (tal

“aparelho”) não foi construído: o DNA a nos legar um aparelho mental, uma consciência, por si só, isoladamente, não explica o que é o humano. Esse aparelho, essa consciência, é tecida no conjunto da vida, somente aí que ela se forma.

O caso da linguagem de modo algum é particular, aprender manusear os objetos, engatinhar, andar etc. não se cumpre retirando do ambiente “representações que satisfazem as condições de *input* de módulos [mentais] pré-constituídos”. Se há uma pré-condição, ela está em formar, dentro do ambiente, “as conexões neurológicas necessárias, junto com os aspectos auxiliares de musculatura e anatomia, que estabelecem essas várias competências” (INGOLD, 2020, p. 11).

Ingold explicita a relação ontológica – fundamental e geral, por isso um tanto abstrata – entre organismo e o ambiente. Mas se trata também de um processo concreto, que se efetiva em cada um de nós, individual e coletivamente. São clássicos os casos, por exemplo, dos esquimós (TUAN, 2012) e habitantes dos desertos do Magreb (FRÉMONT, 1980) que se orientam em áreas que, aos nossos olhos, são uniformes; eles possuem um senso apurado de localização e diferenciação espacial. Esta habilidade, o *desenvolvimento* desta habilidade, responde às relações com seu ambiente.

Assim, as capacidades humanas, nossas habilidades gerais, não são absolutamente pré-especificadas e nem absolutamente impostas (como se o ambiente fosse o fiador único do vir-a-ser do indivíduo), “mas surgem dentro de processos de desenvolvimento, como propriedades de auto-organização dinâmica do campo total de relacionamentos no qual a vida de uma pessoa desabrocha” (INGOLD, 2015, p. 15). Este campo de relacionamentos nada mais é que a presença indelével do mundo, mais precisamente, do ser enquanto ser-no-mundo e seus fundamentos ontológicos.

A cumplicidade poética entre sujeito e lugar

Para além do desenvolvimento cognitivo², nossa relação ao mundo fundamenta o nosso ser. É hora de explicarmos a sentença haideggeriana de que só somos o que

² Não se pode pensar que esta interface com o ambiente se desfaz ou se torna homogênea nos tempos de globalização. Peço aos leitores que reflitam nas particularidades do desenvolvimento cognitivo e as habilidades assim “adquiridas” de três indivíduos em seus “mundos particulares”: um menino negro da periferia, uma garota de classe média/alta em seus condomínios fechados e um menino do campo.

somos enquanto habitamos a terra e veremos nascer, por fim, uma cumplicidade de mútua constituição entre sujeito e lugar.

Nosso ponto de partida é a ontologia fenomenológica heideggeriana, tomando nosso ser na prerrogativa de ser-no-mundo. Ser-no-mundo é ser *em* um mundo *com* os outros. O ser-em indica o estar junto a, a familiarização, o habitar através das ocupações cotidianas, que, efetivamente, nos “dão mundo” (ao menos um “mundo circundante” na terminologia do autor). Mas o ser-em é também ser-com os outros, indica “o mundo público do nós” (HEIDEGGER, 2005, p. 105). Heidegger, assim, estabelece a relação ser/mundo a partir das ocupações cotidianas; tais ocupações ancoram e são o fruto de nossa abertura ao mundo: “na medida em que *é*, a pre-sença já se referiu a um ‘mundo’ que lhe vem ao encontro, pois pertence essencialmente a seu ser uma referencialidade” (HEIDEGGER, 2005, p. 132). Ser já é estar atado ao tecido do mundo.

O destrinchar destas ideias nos permite compreender melhor a apropriação deste discurso pela Geografia Humanista. No habitar a Terra, esta é experimentada como base, “não somente ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda ‘posição’ da existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer” (DARDEL, 2015, p. 40) através da qual vivemos a vida. Ainda segundo Dardel (ibid. p. 43), é a terra quem *estabiliza* a nossa existência, mantém sua presença como engajamento em nosso ser. É neste sentido que, aquém e além da condição de desenvolvimento, há uma relação de ser entre o humano e o “espaço”.

Este é um bom momento para irmos aparando algumas nuances teóricas quanto à terminologia por nós empregada.

Terminamos o penúltimo parágrafo apontando uma relação entre ser e espaço. Como alerta Holzer em diversas publicações (inclusive no número anterior desta revista), a Geografia não lida com o “espaço”, uma racionalização abstrata oriunda da geometria. Antes, o cerne de nossas preocupações é com um espaço que é adjetivado, o espaço geográfico. Indo além, pensar o espaço (geográfico) é tomá-lo dentro de um contexto existencial, como espaço vivido. Por quê? Por que o espaço vivido – ancorando e abrindo o mundo – “é o reino onde a história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e a nós mesmos” e deve ser deste ponto de vista “apropriado pela geografia” (HOLZER, 2014, p. 295). O espaço vivido (enquanto existencial) é, assim,

“a estrutura interior do espaço como aparece para nós em nossa concreta experiência do mundo enquanto membros de um grupo cultural” (RELPH, 1976, p. 12).

Na perspectiva delineada, apontar a co-constitutividade entre ser e espaço como fizemos (não o espaço abstrato da geometria!) é, portanto, pensar a relação do sujeito com o mundo, como quer Holzer. Mas isso não é repetir o problema da abstração? Afinal, “mundo”, trata-se de um termo extremamente abrangente.

A resposta à indagação anterior é negativa! Por quê? Afirmar, como fizemos no início do texto, que o nosso ser-possível no constante processo de vir-a-ser encontra ressonância num mundo particular, particularizado, caminha no sentido oposto de uma abstração. Reifica, antes, uma concretude. Não se trata mais de um mundo mais ou menos genérico, mas se instaura uma relação ser/mundo mediada e encrustada pelos lugares: é precisamente esta ideia de um mundo particular, particularizado. Se estabelece, pois, uma relação entre mundo e lugar: o lugar como abertura ao mundo, como lócus de nosso contato com o mundo (e também o mundo se concretizando no e pelo lugar!) – ideia muito bem sintetizada na expressão “mundo vivido”.

Estas considerações nos permitem, inclusive, retrabalhar a prerrogativa de que o homem é enquanto habita a terra (sinônimo de mundo). Pois que mundo é este? A “fórmula” heideggeriana é o primeiro invólucro e, explicitando a composição do mundo como mundo particular-particularizado, aguçamos a dialética entre ser e espaço para caminharmos, finalmente, às relações entre o sujeito e o lugar. O nosso objetivo final é justamente estabelecer um argumento teórico que dê vazão ao mundo empírico já tantas vezes anunciado pela Geografia Humanista, da mútua instituição sujeito-lugar.

Como é patente que somos nós, humanos, que criamos e instituímos um mundo, iremos analisar o outro lado da moeda – a incidência dialógica do mundo em nós.

Partimos da relação de mediância evocada por Berque (2012) entre o grupo humano e seu ambiente, conceito entendido (o de mediância) como o sentido do meio – ao mesmo tempo uma tendência objetiva (materializada na paisagem) e percepção/significação dos sujeitos frente a seu ambiente. A mediância emerge, assim, em duplas relações – ao mesmo tempo física e fenomenal, ecológica e simbólica, impressões inter-subjetivas e tendência da evolução contínua e objetiva do meio (HOLZER, 2008). Nestes termos, qual a relação do mundo com o ser? Isso quer dizer que “nós só somos o que somos no seio desta relação ecumenal” (BERQUE, 2012, p.

9), da sociedade com o meio (com o espaço), entendendo o ecúmeno, conjunto de meios humanos, “como a relação da humanidade com a extensão terrestre” (BERQUE, 2012, p. 5). E aqui repetimos a indagação de Chaveiro (2014, p. 267-268): “que referências para a vida social e para a existência humana e que significados possui o sentido de se situar em tal ou qual local a partir do qual estabelece[mos] relações com o mundo?”. Saímos, pois, da cumplicidade formal entre ser e espaço para mergulharmos na cumplicidade entre o sujeito e o lugar.

Respondemos este questionamento afirmando que o lugar em que nos situamos no mundo tem sua própria mediância, uma trajetividade³ particular que opera entre nós e o ambiente. É desta maneira que o espaço (geográfico) faz parte, molda em algum grau, o nosso ser – sem esquecermos das relações sociais que se efetivam neste ou naquele lugar – e nos é lícito, então, falarmos de uma dialética constitutiva entre sujeito e lugar. O lugar⁴ não é aqui figura morta nesta relação, um fundo vazio, simples moldura – o lugar, espaço de produção da subjetividade, é experiência corporalizada (NUNES, 2014, p. 151-152), ou seja, são nos lugares, a partir do corpo, da relação corpo-espaço, que as subjetividades se conformam ao evocarem, justamente, trajetividades particulares. É este o *engajamento* da Terra em nosso ser aludido por Dardel.

Devemos sublinhar que lugar vai além do sentido trivial de mera localização, ele se afigura em relação e dissonância de acordo com as configurações diferenciadas do seu entorno, pois são focos a reunir coisas, atividades e significados (SERPA, 2011). O lugar emerge, assim, enquanto trama da experiência intersubjetiva do espaço.

Se o ser é enquanto habita, ele é neste feixe de relações que balizam o lugar – ele é como ser situado no mundo, mais precisamente, nos lugares, enquanto *senciente*

³ A trajetividade explicita a ideia de que a percepção transita entre o sujeito e o objeto, seguindo “uma evolução em espiral, na medida em que tanto o sujeito como o objeto mudam da mesma forma, segundo uma lógica intrínseca a eles próprios, que induz à contingência essencial onde eles se reencontram” (BERQUE apud HOLZER, 2008, p. 157). A trajetividade pode ser definida, então, “como o movimento reversível (cíclico, mas não circular) de dar forma ao mundo” (BERQUE apud HOLZER, 2008, p. 158).

⁴ A condução de nosso argumento parece tornar sinônimos lugar e ambiente (ou ecúmeno). O que Berque quer indicar é que nossa relação com a terra e com a própria sociedade é mediada pelo ecúmeno, por um “ambiente” (físico-humano, técnico-simbólico e ecológico) *particular/particularizado* que é, assim, um lugar (BERQUE, 2012). “Ambiente” se aproxima aqui do que abordamos como “espaço”. A questão é que, ambiente ou espaço, nesta unidade trajetiva, por conta mesmo desta trajetividade, se decanta enquanto lugar, ou como prefere Berque, enquanto geograma, matizado justamente pelas relações particularizadas entre os componentes físico-humanos, técnico-simbólico e também ecológico. Para uma análise mais concreta e específica sobre o conceito de lugar na Geografia na corrente que nos situamos (humanista), o que não pudemos empreender neste ensaio, consultar Holzer (2003).

(INGOLD, 2015), aberto à mundanidade do mundo pelas ocupações. Neste ensejo, construímos e transformamos o espaço, instituímos lugares ou, pela própria criação do lugar, damos sentido ao espaço.

Os lugares, assim, aportam uma interação simbólica efetivada entre agentes que compartilham um determinado ambiente. É aqui, sobretudo, onde reside o caráter significante da mediância, o sentido do meio para aquele que habita este ou aquele lugar. É nesta perspectiva que o lugar delinea o que somos, pois se impõe como um elemento a dialogar com a identidade do sujeito. Em outras palavras, *o lugar diz respeito ao que o ser é*. O lugar é a manifestação ôntica de um fundamento ontológico da realidade humana, o mundo. Não causa surpresa, portanto, que seja co-partícipe na fundamentação de nosso ser. Ser não se institui somente num mundo, está incrustado em e transcorrendo lugares: o lugar diz respeito ao que o ser é porque ser também é lugar.

A ontologia que fundamenta o ser precisamente porque este habita a terra só adquire primazia para a existência na medida em que este mundo se apresenta particularizado como lugar. E o ser assim alcançado não é mais um ser em geral, um ser formal, um ser mais ou menos abstrato, mas, precisamente, um ser que é sujeito, encarnado, com gostos, valores, preferências, desejos, um ser-sujeito que é conformado enquanto habita a terra em sua contínua experiência de mundo encarnada nos diferentes lugares entre os quais se desenrola a vida dos indivíduos. É justamente a partir daí que tais gostos, desejos etc., se solidificam (ou perecem) e nos permite falar de cumplicidade de ser entre sujeito e lugar.

Para encerrar, conto um “causo” que acredito ser suficiente para fornecer um grau de empiria para que as presentes discussões não fiquem somente no plano teórico.

Nos meus tempos de iniciação científica, enquanto pesquisava o samba de roda como elemento cultural-identitário e articulador regional no Recôncavo baiano numa pequena cidade desta região (Conceição do Almeida), conversava com a dona de uma pousada. No momento em que eu pensava como seria tediosamente angustiante morar naquele lugarejo (aos olhos de quem nasceu na capital), ela verbalizava que era uma um impropério alguém querer morar em uma cidade como Salvador. Cada sujeito vem-a-ser o que é nas conjunturas de um mundo específico, de lugares específicos pelos quais mantemos relações completamente diferenciadas em suas referencialidades enquanto ser-no-mundo; e, ao mesmo tempo em que, se não construímos lugares num sentido

estrito, visto ser uma ação coletiva, dotamos os lugares com um significado particular, estes, em seu fundamento social, se apresentam como mais um fator a incidir e a dialogar com a nossa identidade na medida em que habitamos a terra, baliza a cumplicidade ser/mundo, sujeito/lugar. O “espaço” se mantém, assim, como engajamento no ser em suas trajetividades particulares sempre operantes entre sujeito e lugar.

Deve-se estar advertido de que as trajetividades não são operações singulares de um sujeito isolado com seu ambiente (mantemos a nomenclatura “ambiente” agora, pois é como se refere Berque); o sustentáculo da trajetividade é intersubjetivo. Minha “visão” de Conceição do Almeida não diz respeito somente a mim, nem à moradora, única e exclusivamente a ela. Nossas relações no mundo são, antes, mediadas socialmente; a intersubjetividade é a marca do mundo vivido, espaço no qual se inscreve e ganha sentido a ação humana e, “ao fazer isso, cria inconscientemente padrões e estruturas de significado” (RELPH, 1976, p. 12) que conformam a dupla cadeia formativa entre ser e “espaço”.

Últimas palavras

Procuramos apresentar uma discussão que relacione o ser humano ao espaço de maneira ontológica e vislumbramos, por fim, como não só a relação com o “ambiente” matiza o próprio desenvolvimento do sujeito, mas como há uma fundamentação de si, de nós mesmos, neste laço indelével que mantemos com a terra a partir dos diferentes lugares aos quais fincamos nossa existência. Mundo e lugar estão atrelados às nossas possibilidades de ser. Mas tínhamos também um objetivo velado.

Conforme Marandola (2005), muito pouco se discutiu na Geografia quanto à multiplicidade e natureza das experiências nos diferentes espaços terrestres. Se nossa ciência nos legou grandes estudos sobre as estruturas políticas, econômicas, sociais e as relações da esfera produtiva – bem como os alicerces/processos espaciais assim engendrados – “como as pessoas vivem em tais espaços (nas diferentes escalas), do ponto de vista delas mesmas [no entanto] ainda é uma grande *terra incógnita* a ser explorada pelos geógrafos” (MARANDOLA, 2005, p. 73).

O intuito com este ensaio é também disparar no leitor a sensibilidade para estas geografias de nosso dia a dia, para uma geografia vivida que evoca o ser em relação ao mundo numa multiplicidade de temas: as experiências da criança para além do condomínio ampliando a sensorialidade frente ao entorno vivido e à cidade (VIEIRA, 2018), a vulnerabilidade ambiental (a seca) enquanto experiência vivida (GLEIZER, 2018), as dimensões espaciais da experiência religiosa (CARVALHO, 2018), dentre outros.

Importa destacar que a linha Humanista anunciada não procura meramente o específico, a singularidade, a subjetividade de si e dos agentes de pesquisa e que, assim, abandonaria a totalidade, tornando-se a-dialética (consultar, para uma discussão teórica deste tema, Shmid [2012] e Serpa [2019]). A criança como necessitando do espaço aberto só adquire primazia num contexto de segregação e exclusão sócio-espacial, evoca, em suma, um processo de produção e reprodução da sociedade (e do espaço, como nos indica Lefebvre [2000]); a seca não é simplesmente um fenômeno físico-climático, enquadra-se, similarmente, num contexto de exclusão social; mesmo a experiência da religião é nuançada pelas relações sociais de uma sociedade capitalista⁵.

Como anunciamos, o mundo se concretiza no lugar e o lugar (na forma de ruas, bairros, cidades, regiões...) mediatiza nosso contato com o mundo. Nesta perspectiva dialética, o lugar também não é nada à parte, tomado isoladamente. Só o compreendemos em relação ao mundo (totalidade) e não poderia ser diferente nos tempos de globalização. Em algum grau, de um jeito ou de outro, uma Geografia dos espaços vividos responde aos seus ditames.

Referências bibliográficas:

CARVALHO, C. Experiências religiosas e dimensão espacial. In: **Mercator**, Fortaleza, v. 17, p. 1-15, 2018.

CHAVEIRO, E. Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In: HOLZER, W. OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Qual espaço do lugar?** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014, p. 249-280.

⁵ Há um paralelo notável entre as vertentes neopentecostais e a ideologia capitalista, evidenciado no individualismo e no apelo material-financeiro (me refiro à Teologia da Prosperidade). Para além, não se pode explicar o crescimento desta religiosidade, sobremaneira nas periferias brasileiras, sem compreender a estrutura social excludente (na qual a única saída parece ser entregar-se a Deus) e sem atentarmos para as mídias comunicacionais apropriadas por inúmeras igrejas.

- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. SP: Ed. Perspectiva, 2015.
- FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Alameda, 1980.
- GLEIZER, J. **Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA**. 2018. 114f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, IGEO, Salvador.
- HEIDEGGER, M. **Ser e o tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.
- _____. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. *Geographia*, v. 5, n. 10, 2003.
- _____. A tração: reflexões teóricas sobre a paisagem vernacular. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. I. (Orgs.). **Espaço e cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 155-172.
- _____. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual espaço do lugar?** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014, p. 281-304.
- INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.
- _____. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.
- LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.
- MARANDOLA, Eduardo. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. In: **Terra Livre**, v. 2, n. 25, p. 67-79, 2005.
- NUNES, C. **Geografias do corpo: por uma geografia da diferença**. 2014. 245 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, IGEO, Porto Alegre.
- RELPH, Edward. **Place and placeness**. London: Pion, 1976.
- _____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual espaço do lugar?** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014, p. 17-32.
- SATRE, J. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: CARLOS, A.; SOUZA, M.; SPOSITO, M. (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 97-108.
- _____. **Por uma geografia dos espaços vividos**. São Paulo: Contexto, 2019.
- SHMID, Christian. Teoria da produção do espaço em Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. In: **GEOUSP: Espaço e tempo**, São Paulo, n. 32, p. 89-109, 2012.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.
- VIEIRA, P. **Perambular e imaginar: trilhando caminhos entre crianças, experiência urbana e ar livre**. 2018. 114f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, IGEO, Salvador.